

A RELAÇÃO MÃE-CRIANÇA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ONTOGÊNESE DA "NATUREZA" SOCIAL DO SER HUMANO

Angela Uchôa Branco*
Universidade de Brasília

SUMÁRIO - As pré-disposições sociais do recém-nascido são analisadas em um contexto sistêmico que privilegia o caráter processual do desenvolvimento, em contínuo processo de ajustamento e adaptação à experiência. O destaque é orientado para a construção de sistemas de comunicação eficientes, cuja origem se localiza na relação mãe-criança. Recolocando-se a questão do que é "bom" ou "natural" para o desenvolvimento da criança, em termos de cuidados e organização ambiental, sugere-se a reflexão sobre possíveis implicações práticas a partir da perspectiva ora explicitada.

MOTHER-INFANT RELATIONSHIP: ONTOGENESIS OF MAN'S SOCIAL NATURE

ABSTRACT - The social predispositions of neonates are analysed within a systemic framework, where development results from a long-range process of adaptation to experience. The construction of efficient systems of communication, generated from mother-infant interaction, is seen as an important issue concerning the ontogenesis of social behavior. By trying to conceive the "best" or more "natural" way for nurturing children, it's necessary to think over some practical consequences of adopting such a developmental approach.

O pensamento teórico que se dedica ao estudo dos mecanismos e processos responsáveis pela ocorrência e desenvolvimento do comportamento, constituindo-se no eixo que sustenta e direciona o avanço da Psicologia do Desenvolvimento como disciplina científica, tem nos últimos anos revelado uma acentuada transformação no sentido de substituir um enfoque reducionista e linear por uma abordagem sistêmica. Esta abordagem caracteriza-se por incorporar a ação integrada de todo um conjunto de fatores que se inserem no contexto dentro do qual o comportamento se manifesta.

Em conseqüência, a investigação de respostas específicas a certos estímulos - ambos arbitrariamente pré-determinados pelo experimentador - vem

* Endereço para correspondência: Universidade de Brasília - Instituto de Psicologia - Campus Universitário - CEP. 70.910 - Brasília-DF

dando lugar à valorização do significado real do comportamento na sua relação com os aspectos relevantes do ambiente (Trevarthen, 1977). É de acordo com esta ótica que o repertório comportamental do recém-nascido passa a ser examinado, não mais interessando detectar isoladamente habilidades específicas, mas sim interessando buscar compreendê-las como padrões unificados de resposta resultantes de um programa biológico de ação em contínuo processo de ajustamento e adaptação à experiência.

Emerge pela observação minuciosa a noção de "auto-sincronia", que indica um considerável nível de organização na produção simultânea de vocalizações, movimentos, padrões expressivos e orientação dos sentidos para determinados estímulos, por parte do nené.

Ao analisar esses padrões organizados exibidos pelo recém-nascido, nota-se uma tendência ou orientação definida para o estabelecimento de uma **interação** com outro membro da espécie, provavelmente com aquele que assumirá o papel de cuidar da criança, alimentá-la e protegê-la (a "mãe"). Existe uma preferência demonstrada, já nas primeiras semanas, pela voz e pela configuração do rosto humano - especialmente para o olhar e o sorriso - e que mais adiante irá privilegiar a figura da "mãe". O choro e o sorriso da criança se revelam rapidamente eficazes como meios de comunicação. E é interessante verificar, principalmente, que o nené evidencia padrões **regulares** e **cíclicos** aos quais o adulto ajusta o seu próprio comportamento, construindo-se daí uma relação dialógica que servirá de base para o estabelecimento de uma verdadeira comunicação, a medida que se processa a interação entre ambos.

Levando em conta esta nítida propensão, é imprescindível estender o foco de análise em direção ao comportamento do adulto, e assim assumir a interação como objeto de estudo, interpretando-a como a expressão de um sistema aberto (e portanto capaz de transformação e reorganização dinâmica), composto pela criança e pela "mãe". Quando isto é feito, destaca-se o inestimável valor funcional das pré-disposições em jogo, já que, além da garantia de sobrevivência física providenciada pela natureza específica da relação, o desenvolvimento de um **sistema de comunicação** eficaz é essencial para a adaptação, integração e desenvolvimento do indivíduo na realidade social, meio natural da espécie humana.

A existência, na atualidade, de um número expressivo de informações empíricas acerca da sincronia comportamental, da alternância sistemática e da complementariedade dos papéis assumidos pela "mãe" e pelo nené (Condon & Sander, 1974 Apud Condon, 1976a; Dunn e Richards, 1977; Trevarthen, 1977), sugere a importância e o significado do processo de comunicação para o desenvolvimento global da criança. O "diálogo" que se estabelece, por exemplo nas situações de amamentação é um dos componentes da gênese deste processo. O bebê humano, ao contrário das outras espécies de mamíferos, faz pausas durante o episódio de sugar o leite, com o bico do seio ainda mantido na boca (Kaye, 1982). Enquanto está sugando, a mãe tende a permanecer calada; no entanto, durante as pausas, a mãe não apenas conversa mais com o bebê, como também age sacudindo-o ligeiramente, o que provoca por sua vez o reinício da atividade de sugar (Dunn e Richards, 1977; Kaye, 1982). A função da pausa parece ser, portanto, levar a mãe a assumir o papel de interlocutora, o que de certa forma pode representar o início de uma aprendizagem em que a mãe organiza o seu comportamento de acordo com o ciclos naturais da criança. Ambos engajam-se num

processo típico de alternância comportamental onde atuam ora como emissor, ora como receptor.

As observações de Trevarthen (1977) também apontam para os padrões pré-linguísticos - como vocalizações ou mesmo configurações silenciosas da boca e da língua - integrados aos movimentos do nené e significativamente coordenados com o comportamento da mãe, de acordo com o ritmo específico característico da interação entre ambos.

No entanto, conforme argumenta Kaye (1982), a fase inicial deste processo mútuo pode reservar uma maior responsabilidade por parte da "mãe" do que por parte do nené. É como se a criança trouxesse para relação o seu ritmo próprio, os seus ciclos regulares e a mãe, por sua vez, através da atribuição de significados específicos ao comportamento do nené, o colocasse no papel de interlocutor, interpretando suas ações como a representação de intenções subjacentes. É curioso verificar de que maneira a "mãe" algumas vezes se retrai "dando tempo" à criança para responder (Richards, 1971, apud Kaye, 1982) e como, em outras ocasiões, resolve "preencher" o tempo atribuído à criança emitindo ela própria locuções "como se fosse" o nené a se expressar (Lyra e Rossetti-Ferreira 1987).

Tudo leva a supor uma espécie de assimilação, pela "mãe", dos ciclos de atenção e excitação do nené aos ciclos de "escutar e falar" do adulto, pontuando desta forma os fluxos da experiência para a criança.

Assim, a criança começaria pouco a pouco a atentar especialmente para os elementos do seu comportamento (vocalizações, determinadas expressões, etc) que, na relação, são investidos de significado, o que viabilizaria a construção gradual de uma verdadeira intersubjetividade. Esta concepção do processo interacional assemelha-se à noção sustentada por Richards (1974) de que a criança não é inatamente social ou comunicativa, mas que **atualiza o potencial** para a sociabilidade e comunicação no processo mesmo da interação. A importância do papel da "mãe" é demonstrada pela extrema sensibilidade da criança, que passa a dar sinais de recusa e rejeição da interação, associados ao estresse e ao desconforto, quando a "mãe" não é responsiva ou não articula o seu comportamento com o ritmo da criança.

Aos poucos, o nível de compartilhamento de intenções e significados entre a criança e a "mãe" vai se ampliando, a introdução de objetos na relação (a partir dos 6 meses aproximadamente) adquirindo maior interesse e a criança acrescentando experiência e conhecimento à sua visão do mundo. Por outro lado a necessidade de compreender e de integrar-se à realidade social exige que a criança desenvolva de forma articulada outros sistemas de comunicação através da interação com outras pessoas e, com especial significado para o seu desenvolvimento, através da interação com outras crianças. Exige também uma progressiva especialização, cada vez mais intensa, do canal de maior sofisticação e utilidade universal para o processo de comunicação que é a linguagem.

É, pois, numa perspectiva funcional associada à valorização da capacidade de comunicação como impulso essencial para o desenvolvimento cognitivo e sócio-emocional da criança que deve proceder-se a conceituação e a análise do **apego**, levando-se em conta suas implicações presentes e futuras. Objeto de intenso estudo (Ferreira, 1984) o apego tem sido caracterizado como um construto hipotético ou simplesmente como um termo utilizado para designar o conjunto de comportamentos exibidos pela criança no sentido de buscar a proximidade e a manutenção de uma relação afetiva estável com um ou mais

indivíduos do seu grupo social. O estabelecimento de uma relação de tal natureza representa para o bebê humano uma garantia de sobrevivência física (Bowlby, 1982), segurança para o envolvimento em atividades de exploração do ambiente (Ainsworth & Wittig, 1969) essenciais ao desenvolvimento cognitivo e representa particularmente uma oportunidade inigualável para o desenvolvimento de um sistema de comunicação fundamentado na troca significativa de intenções, memórias e experiências. Este sistema, uma vez consolidado e posteriormente diversificado através da ampliação da rede de interações sociais, terá por sua vez um papel preponderante na facilitação e direcionamento dos processos de aprendizagem vivenciados pela criança.

O fato de estar a escolha da pessoa objeto de apego muito mais na dependência do grau de **responsividade** e de **iniciativa** para a interação do que no nível em que a pessoa satisfaz as necessidades primárias da criança (Schaffer e Emerson, 1964, apud Ferreira 1984), denotando sua preferência pelos atributos que viabilizam a comunicação, indicam claramente a necessidade de melhor investigar e compreender o significado funcional da comunicação para a espécie humana. O apego "bem sucedido" (seguro) associa-se com o estabelecimento da comunicação, a ausência do apego ou mesmo o apego "inseguro", relaciona-se com a falha deste processo.

Ora, é certo que não existem padrões típicos ou universais para a caracterização de uma relação "padrão" ou "ideal" entre a criança e o adulto (ou adultos) que a ela se dedica(m). As pesquisas sistematicamente sublinham as diferenças individuais, a multiplicidade de estilos de interação e a dificuldade de se identificar um padrão unitário de "afetividade" (Dunn e Richards, 1977). Também neste sentido é importante que se discuta a questão da **maternidade** como um fenômeno profundamente inserido num contexto histórico e determinado ao nível sócio-cultural (Badinter, 1986). Não é possível, entretanto, deixar de analisá-lo como resultante da atuação conjunta de fatores situados em planos diversos, o que nos leva necessariamente a considerar a possibilidade de certas pré-disposições biológicas e regularidades também por parte da "mãe" (particularmente da mãe sem aspas).

É assim que talvez possamos identificar como padrão universal e desejável - sem jamais perder a perspectiva funcional do termo - a sensibilidade da "mãe" de captação dos ciclos de atividade típicos e dos sinais emitidos por seu nené, e a utilização destas regularidades para o desenvolvimento de um sistema de intercomunicação eficaz. Sua responsividade e prontidão para interagir com a criança, respeitando-lhe o ritmo e os interesses, surge assim como condição essencial para o sucesso da interação e, conseqüentemente, para a otimização do seu desenvolvimento.

Implicações práticas podem traduzir-se, por exemplo, pela substituição de programas pré-definidos de estimulação por um trabalho de "sensibilização" daqueles que interagem com a criança, para que se tornem capazes de estabelecer com elas interações bem sucedidas. Com isto queremos dizer que treinar o adulto, responsável por um trabalho específico com uma criança que apresenta problemas de desenvolvimento, na aplicação de procedimentos padronizados pode não ser tão eficaz. Importa, sim, que ele seja capaz de perceber os sinais emitidos pela criança, para, a partir daí, estabelecer uma comunicação dialógica cada vez mais provocativa e desafiadora.

Além disso, é preciso descobrir (ou talvez redescobrir) o significado do aue é bom ou "natural" quando nos referimos às formas de cuidado, relacionm-

mento e organização do ambiente com o objetivo de propiciar o desenvolvimento da criança (bem no sentido da preocupação antropológica exposta por Kitzinger, 1978). A realização de estudos comparativos e de pesquisas em contextos culturais diversos certamente irá contribuir para a ampliação do referencial teórico necessário à interpretação dos fatos, que jamais devem ser considerados a partir de abordagens que privilegiem excessivamente o polo da natureza ou da cultura. A compreensão de que o processo que se desenvolve entre a "mãe" e a criança resulta de uma efetiva interação entre ambos é que permitirá o conhecimento necessário à extração de sugestões ou recomendações práticas.

Impõe-se, portanto, o desenvolvimento de metodologias apropriadas e o estudo das interações como sistemas de comunicação e compartilhamento de significados, a forma pela qual esses sistemas se desenvolvem tornando-se progressivamente mais complexos à medida que novas competências são acrescentadas e novas relações estabelecidas. Vale, por exemplo, investigar o papel da imitação nesse processo e a identificação das várias estratégias empregadas para o estabelecimento de interações específicas. Desta maneira será possível tornar mais compreensível e significativa a concepção do que representa, realmente, a condição de "ser social" para a espécie humana.

REFERÊNCIAS

- AINSWORTH, M.D.S. & WITTIG, B. (1969). Attachment and exploratory behavior of one-year-olds in a strange situation. Em B. Foss (Ed.) *Determinants of Infant Behavior* (vol. 4). New York: Wiley.
- BADINTER, E. (1986). *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (4.^a Ed.). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- BOWLBY, J. (1982). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Liv. Martins Fontes.
- CONDON, W.S. (1976). An analysis of behavioral organization. Em W.C. Stokol (Ed) *Sign Language Studies*, 13: 285-318.
- LYRA, M.C. & ROSSETTI FERREIRA, M.C. (1987). Dialogue and the construction of the mother-infant dyad. *IX Biennial Meetings of the International Society for the Study of Behavioural Development*. Tokyo.
- DUNN, J.B. & RICHARDS, M.P.M. (1977). Observations on the developing relationships between mother and baby in the neo-natal period. Em H.R. Schaffer (Ed.) *Studies in mother-infant interaction*. New York: Academic Press.
- FERREIRA, M.C.R. (1984). Oapego e as reações da criança à separação da mãe: uma revisão bibliográfica. *Cadernos de Pesquisa da FCC*, 48: 3-19.
- KAYE, K. (1982). *The mental and social life of babies*. Chicago: Harvester Press.
- KITZINGER, S. (1978). *Mãe: um estudo antropológico da maternidade*. Lisboa: Presença.
- RICHARDS, M.P.M. (1974). First steps in becoming social. Em M.P.M. Richards (Ed.) *The integration of child into a social world*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TREVARTHEN, C. (1977). Descriptive analysis of infant communicative behaviour. Em H.R. Schaffer (Ed.) *Studies in mother - infant interaction*. New York: Academic Press.

Texto recebido em 24/6/87